

A TOUPEIRA

ALBERTE PAGÁN

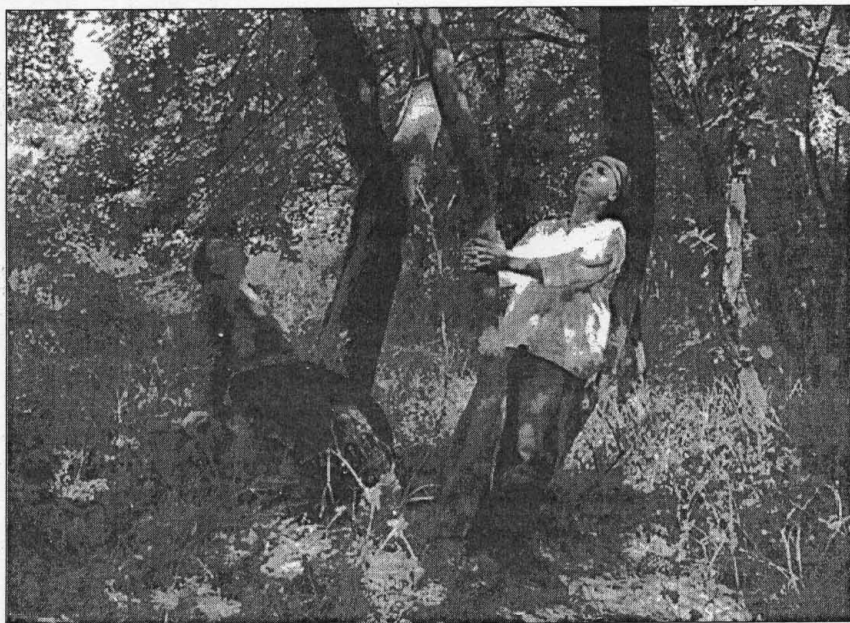
# Quei loro incontri

“Aqueles encontros.” Estas som as derradeiras palabras dos *Diálogos com Leucó* (1947) de Cesare Pavese que Danièle Huillet e Jean Marie Straub adaptam à pantalha por segunda vez em *Quei loro incontri* (2006). A primeira aproximação dos cineastas à obra de Pavese fora *Dalla nube alla resistenza* (1978), colección de seis dos “diálogos com Leucó” aos que engadiam, numha segunda parte diferenciada, umha adaptación da novela *La luna e i falò* (1947), tamém de Pavese. *Quei loro incontri* vêm completar aquela película, formando um todo indivisível coa sua primeira parte.

O cinema de Huillet-Straub remite-nos à literatura, reconcilia-nos coa palabra e, portanto, co pensamento. As personagens nom actuam, apenas se movem (agás algum leve gesto, umha cabeça que se gira, umha mao que se apoia numha rocha, umha mirada que se ergue ao ceu). Só ficam as suas figuras incrustadas na natureza, o sol que vai e vem por entre as copas das árvores, o som do vento nas folhas, o canto dos regatos. E sobre esta natureza virge, a voz humana, que os cineastas tratam como música; um recitado pausado e cristalino, anti-realista e de grande sonoridade, que nom respeita as pausas sintáticas, que rompe a coerência dos sintagmas e que por momentos, devido à sua musicalidade, convertido em significado puro, se independiza do seu significado.

Mas nom nos enganemos: A derradeira película de Huillet-Straub reivindica tanto a sonoridade da palabra como o seu contido, obrigando-nos à reflexão. “Aqueles encontros” som os de deuses e humanos que estes acham de menos. *Quei loro incontri* converte em cinema os cinco derradeiros “diálogos” do livro de Pavese, nos que deuses e mortais conversam sobre a condição humana, sobre a morte e a imortalidade, sobre as esperanças e o destino. Os deuses envejam a capacidade de asombro dos humanos (“Nem sequer sabemos morrer”, di a hamadriade do terceiro diálogo), os seres humanos desesperam por nom dispor da imortalidade dos deuses. Mas chegará um dia, di Deméter no segundo diálogo, no que os humanos deixarém de necessitar os deuses. “E entom volveremos ser o que fomos: ar, água e terra.” Entanto os deuses buscam a companhia dos seres humanos, os homes sobem à montanha em busca dos deuses, em busca de “aqueles encontros” que lhes proporcionavam, tanto a uns como a outros, o espírito e o sentimento que os diferenciam dos animais.

*Quei loro incontri* é umha adaptación literária modélica, desde o momento em que *todo* o texto original está contido na



‘O cinema de Huillet-Straub remite-nos à literatura, reconcilia-nos coa palabra e, portanto, co pensamento’

película; em certa maneira, no deixa de ser umha simples “literatura” (no sentido literal) da obra de Pavese. Lembremos aqui *Operai, contadini* (2001), adaptación de Huillet-Straub dos capítulos 44-47 de *Donne di Messina* (1949-1964), de Elio Vittorini, na que actores e actrices (recitadores, sem bem) lem directamente e sem miramentos o texto que suxeitam entre as maos, renunciando expressamente ao realismo e à verosimilitude da actuação. Mas nom por isso *Quei loro incontri* deixa de ser Cinema em estado puro. A película, por muito que exista em funçom do texto de

Pavese, remite tanto ou mais a universo cinematográfico, artístico e intelectual de Huillet-Straub. Nom temos mais que fixar-nos na composição dos planos (em todo o primeiro diálogo os recitadores mantenhem-se de costas à câmara), nos raras e portanto intensos movimentos de câmara (o terceiro diálogo começa com panorâmicas por entre a espesura do bosque), na riqueza sonora (já mencionamos a musicalidade do recitado: mencionemos tamém esses golpes de vento nas folhas, esse bater de assas que interrompe o diálogo, aquel coirricar da água por riba dos sons

da vila do epílogo) ou nos longos silêncios nos que a image, orfa da voz humana, adquire protagonismo indiscutível.

O epílogo é modélico. Pronunciada a frase do título ao remate dos diálogos, a câmara mantém-se fixa, durante case um minuto, sobre o silencioso actor. Tras o corte, temos um picado dum regato que está em sintonia coa paisage boscosa e intemporal da película. Mas algo cambiou: golpes e ruidos da actividade humana actual superponhem-se ao som da natureza. A câmara inicia umha panorâmica vertical que descobre as casas e ruas dumha pequena vila na que o rego está encaixado. Após umha breve pausa, a câmara continua o seu ascenso contrapicado até deixar atrás as vivendas, produto humano, e regressar à natureza, à montanha que se ergue no horizonte. Mas esta montanha, ao igual que o rego, está domesticada: uns repetidores descansam sobre a cima e, mais óbvio, um cable cruza o ceu e a pantalha por riba do outeiro. O espaço natural puro e atemporal dos diálogos, no que as personagens (deuses e humanos) se integram sem fricção, dá passo assi a umha natureza seqüestrada, domesticada e mercantilizada. A leitura mítica dos diálogos aplica-se, por meio deste plano final, aos seres humanos de hoje em dia que, apesar dos câmbios materiais, seguem a sofrer as mesmas dúvidas e medos e esperanças sobre os que meditam os deuses de Pavese. Os seres humanos de hoje em dia seguem a buscar nas montanhas aqueles encontros cos deuses do passado. ♦



*Quei loro incontri* projectou-se o 21 e 22 de maio no CGAI da Corunha.

atoupeira@yahoo.com